



Paulo Varela Gomes  
hotel

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIV

# índice

7	Regras de hotelaria
17	O hotel
23	A Torre das Infantas
29	A História das Infantas
35	O hotel – continuação
39	« <i>Ne touchez pas à la Belgique</i> »
45	O hotel – continuação
53	Castelos
59	O hotel – continuação
69	O corpo embaraçoso de Joaquim Heliodoro
75	E o seu membro glorioso
79	Manuela
87	As mulheres sozinhas
95	Passagens
105	A Torre
111	Escopofilia
115	Pornografia
123	László Batory, Margareta e as varandas
133	Um dia quase perfeito
143	Noite

© 2013, Paulo Varela Gomes  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Hotel*  
Autor: Paulo Varela Gomes  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Vera Távares

1.ª edição: Janeiro de 2014

ISBN 978-989-671-197-9  
Depósito Legal n.º 369161/14

147	O despertar do poeta
155	Opiniões
167	Notas de rodapé
181	Tendo em conta a pornografia
193	O confidente
207	A periferia da visão
219	Desencontros e conjugações
231	O dia seguinte
247	Pormenores e fragmentos
261	O mistério da escada secreta
273	Acerca do vício
283	Regresso de férias
293	Revelação
301	E agora o fim aproxima-se
309	O fim da história
311	Nota biográfica

## Regras de hotelaria

Quando ganhou o euromilhões, Joaquim Heliodoro de Ataíde e Pinto Winzengerode de Mascarenhas Adrião Manoel de Menezes comprou um grande palacete do início do século xx, uma casa que conhecia por fora e por dentro desde criança e a propósito da qual elaborara muitas fantasias, castelãs, hoteleiras e sexuais, e decidiu transformá-lo num hotel.

Teve de travar uma dura luta de vontades com o arquitecto que contratou, o qual, fazendo apelo ao bom senso, uma qualidade de que Joaquim Heliodoro não dispunha em abundância, quis convencê-lo a manter o essencial da disposição interna da casa, renovando embora as casas de banho que existiam nos quartos e criando outras em divisões que iam passar a servir de quartos, um projecto de que teve de abdicar, decidindo então, após longas noites de reflexão, muita consulta de revistas e livros de arquitectura e dilacerantes pedidos de perdão aos severos deuses da arquitectura moderna, alterar boa parte do interior como Joaquim Heliodoro lhe pediu, mas utilizando para isso materiais amovíveis, menos definitivos, como madeira ou cartão prensado.

Deste modo, as partes da casa dedicadas a quartos transformaram-se num intrincado labirinto de curvas, ângulos

agudos e impasses. As casas de banho que foi necessário acrescentar a cada sala ou saleta transformada em quarto ficaram muitas vezes pendentes nas paredes exteriores, tornando ainda mais bizarra e pitoresca a forma original do edifício, até porque cada um destes volumes novos adoptou a aparência dos estilos originais do edifício, manuelino, mourisco e clássico, por ordem de importância de cada estilo. O engenho tecnológico do arquitecto e a teimosia de Joaquim Heliodoro foram também elevados a níveis muito altos no processo de adaptação das casas de banho existentes, argumentando o dono da obra que os hóspedes teriam de se habituar a casas de banho pequenas porque, em compensação, tinham um hotel original, mas concedendo que o antigo sistema de aquecimento central podia ser substituído por outro mais eficiente, desde que se optasse pela passagem de canalização de cobre no exterior de algumas paredes, o que ficava bem com o aspecto variegado e colorido de todo o edifício.

O proprietário anterior, que fora forçado a vender a casa por estar arruinado, era a câmara municipal da localidade, que a tinha por sua vez herdado da família que a construíra entre 1898 e 1901, os Teulier, industriais de Namur, feitos barões de Waterloo pelo rei dos belgas. A família desaparecera por completo pouco antes de a câmara se ter apropriado da casa, uma informação intrigante que Joaquim Heliodoro recebeu de bibliotecários e arquivistas camarários, mas à qual não deu importância, não se percebe bem porquê, talvez porque estivesse muito ocupado com a obra de remodelação que projectava levar a cabo.

Os Teulier tinham deixado a casa em tão bom estado e com um recheio tão precioso, que a câmara conseguiu

ali instalar um museu dotado de um excelente conjunto de peças de ourivesaria e marcenaria, muito valorizadas pelas esplendorosas paredes, varandas, galerias e molduras de vãos da casa, um verdadeiro cenário, dizia Joaquim Heliodoro com grande justeza histórica, que lembrava as óperas e operetas da Belle Époque e que ficou em grande medida intacto, apesar de a câmara ter levado toda a colecção, deixando muitas salas desprovidas de mobília, cadeiras, mesas, escrivaninhas, contadores, aparadores, candelabros, candeeiros, lustres, tapetes, quadros. Não importa, dizia de si para si Joaquim Heliodoro, olhando orgulhosamente para os grandes painéis de azulejos azuis e brancos ou à marroquina, em frente dos quais não havia agora qualquer mobília, para as molduras caprichosamente manuelinas ou ecléticas das portas, esculpidas em pedra de lioz, para os tectos de masseira pintados com ornamentos fitomórficos a branco, verde e azul, não importa, tudo aquilo era agora seu e ia ser colocado à disposição dos seus hóspedes com mobiliário que ele próprio escolheria, certamente menos precioso do que aquele que a câmara municipal de lá tinha tirado, mas em definitivo mais confortável e desprezioso.

Foi o que de facto sucedeu. Utilizando a fortuna que lhe caíra no colo, Joaquim Heliodoro comprou muitas peças de mobiliário, antigas umas, outras nem por isso, nenhuma delas luxuosamente desconfortável ou obnoxia, providas, quase todas, de casas burguesas ricas do início do século xx, sobretudo do norte da Europa, onde a civilização do conforto é mais antiga que noutros lugares do mundo, cadeirões, sofás, mesas de café e de jogo, pequenos quadros com paisagens marinhas ou lacustres, candeeiros Arts&Crafts e Arte Nova, tapetes de lã, estantes de madeira e sobretudo

conjuntos variados de camas, mesas-de-cabeceira, cómodas, pequenas mesas e cadeiras, destinados aos dez quartos e três suítes, todos diferentes, de que o novo hotel passou a dispor. Até o arquitecto, que detestava o gosto de Joaquim Heliodoro mas lhe admirava tanto a persistência como a inflexibilidade nos pagamentos, teve de admitir que o edifício parecia ter enganado o tempo: qualquer pessoa desprevenida diria que era um palacete adaptado a hotel ao longo de muitos anos e muitos proprietários, e não, como afinal sucedera, num único ano de muitas visitas a antiquários e lojas de decoração situadas em cidades de província portuguesas e belgas (embora, como dizia Joaquim Heliodoro, todas as cidades belgas, bem como as portuguesas, sejam, por definição, de província).

Havia muitos hábitos da hotelaria contemporânea a que Joaquim Heliodoro era indiferente, talvez até com um certo acinte, e que, portanto, só relutantemente pensou em admitir no seu hotel:

O luxo dos pequenos-almoços scandalizava-o. Acreditava que pão com manteiga ou queijo, chá, café e uma única espécie de bolo, de preferência sem creme, bastava perfeitamente para uma pessoa normal, não se justificando os bufetes carregados de iguarias com que muitos hotéis de má qualidade e todos os de luxo querem deslumbrar os hóspedes ensonados, acabando por confundi-los com a variedade da escolha (quantas vezes não vimos já aqueles hóspedes que caminham titubeantes até ao bufete, ficam longos minutos a dormirar sobre a abundância da escolha, regressam à sua mesa apenas com uma colherzita na mão, tristes e confusos, tendo de regressar mais uma série de vezes, progressivamente mais apressados e mais despertos? Sim, quantas vezes?).

Embirrava com casas de banho que oferecem roupões, champôs, sabonetes e restante parafernália enfrascada e promocional que só serve para roubar.

Não queria televisão nos quartos, porque é uma coisa feia e inútil que pode estar sempre num outro lugar do hotel, a isso destinado. O quarto é para descansar, conversar, ler, afastar-se do barulho, dizia Joaquim Heliodoro. Quem não gostar de quartos assim, pode ir para outro hotel.

Não suportava o hábito das empregadas virem abrir as camas ao fim da tarde e deixar rebuçados nas almofadas, um noção de hospedagem e serviço cada vez mais vulgarizada que o deixava de olhos esbugalhados de indignação e espanto.

Outros aspectos da hotelaria eram tão repugnantes a Joaquim Heliodoro que, desde a primeira fase do projecto, advertiu severamente o arquitecto contra eles: nada de decoração característica de hotel, mais ou menos à maneira das revistas de decoração ou dos hotéis norte-americanos, cortinados com borlas, rendas, veludos, alcatifas espessas, metais dourados, mas tão-pouco o mobiliário modernista, elegantemente seco, cor de madeira ou laca, dois géneros de interiores que conferem aos hotéis de hoje, novos ou renovados, a mesma característica que os aeroportos, os restaurantes e as lojas: são todos iguais em todo o mundo, de Acapulco a Vladivostok.

Nem pensar num hotel com corredor recto e as portas dos quartos dispostas em linha como uma alameda de jazigos na penumbra, lembrando sempre Joaquim Heliodoro alguns mestres de arquitectura do século xx que tinham conseguido acabar com essa tirania planimétrica, ao menos um par de vezes. Ah, o Hotel do Mar de Sesimbra..., suspirava

ele para o arquitecto, que não conhecia o edifício e teve de viajar até lá, para nada, afinal, porque a casa Teulier quase não tinha corredores e cada divisão adaptada a quarto exibia uma porta com forma e disposição diferentes.

Nenhum quarto podia ser do tipo universal, com casa de banho de um dos lados da entrada, quarto a seguir, janela ao fundo. Joaquim Heliodoro mandou o arquitecto ir visitar um hotel de Ghent (ou Gand), na Bélgica, instalado num mosteiro medieval transformado em casa no século XIX, o melhor hotel onde já estivera, em qualquer parte do mundo, insistia ele, e onde os proprietários tinham feito ao longo de anos o que ele fez no palacete muito mais depressa: ir acrescentando coisas, com a consequência de que não havia dois quartos iguais.

Detestava também espaços colectivos pequenos e, sobretudo, a ausência de espaços ditos inúteis, aqueles que fazem, afinal, o encanto dos verdadeiros hotéis: salas de estar de tipos diferentes, patamares de escada com dois sofás e uma pequena mesa, recantos escondidos onde nunca está ninguém a não ser uma qualquer criança sonhadora que ali brinca às casinhas, cotovelos de corredor que se abrem em forma de saleta, ou patamares de uma escada onde aparece de repente uma *bow window* com conversadeiras.

Não suportava salas de pequeno-almoço pequenas, nas quais cada hóspede tem de encarar de frente o rosto ensonado dos outros e toda a gente se vê na necessidade de murmurar e baixar a cabeça para o café, tanto de vergonha como de sonolência.

Odiava malas à espera de entrar e sair dos quartos ou da recepção, espalhadas por aqui e por ali, e portas dos quartos abertas com o pessoal das limpezas a cirandar. O segredo

dos melhores hotéis, dizia Joaquim Heliodoro, é parecer que não têm hóspedes, e a única excepção são os hotéis antigos indianos, como os seus hotéis favoritos nessa parte do mundo, o West End de Bombaim e o Imperial de Deli, este antes de ter sido transformado numa porcaria igual a todas as outras, nos quais faziam parte da cor e dos hábitos locais as portas estarem quase sempre abertas e haver pessoas a pairar pelos corredores por razões misteriosas.

Mas o cúmulo da amargura biliosa era reservado por Joaquim Heliodoro à música ambiente nos espaços colectivos (e nos elevadores!, Santo Deus, nos elevadores!), esse detestável hábito de gente que não gosta do silêncio porque, sem ruído, a sua própria vacuidade cerebral se revela de chofre, como um cadáver vestido de preto tombado na neve.

Eliminados todos estes defeitos potenciais, o novo hotel inaugurou discretamente. Os hóspedes, atraídos por anúncios deliberadamente ambíguos colocados na internet, único aspecto em que Joaquim Heliodoro cedeu aos hábitos da hotelaria contemporânea, julgavam entrar numa casa em que tudo era mais ou menos antigo.

Assinale-se que os primeiros a registarem-se no hotel, num belo dia de Primavera já a cheirar a Verão, foram um casal que apresentou na recepção passaportes alemães, mas que era húngaro de nascimento e apelido. O marido parece um príncipe, disse Joaquim Heliodoro para a gerente que estava a seu lado na recepção. Esta, chamada Manuela, terá bastante importância nas páginas que se seguem. Joaquim Heliodoro contratara-a para dirigir o hotel porque já a conhecia da antiga fábrica têxtil da Covilhã que pertencia à família do seu padasto, falida entretanto como quase todas. O senhor húngaro sorriu e agradeceu o cumprimento num

português onde apenas se notava um ligeiro sotaque, que Joaquim Heliodoro não conseguiu localizar. Era um homem de meia-idade, com abundante cabelo grisalho descuidadamente penteado para trás, um rosto belíssimo, inteligente e cheio de charme. Vestia um casaco de *tweed* e usava um laço azul-forte no colarinho de uma camisa de linho verde-esmeralda. A mulher, uns vinte anos mais nova do que ele, podia ser uma actriz do cinema centro-europeu de entre as guerras, morena de olhos verdes rasgados, quase asiáticos, uma cabeleira ondulada cor de asa de corvo, um porte de passageira vermelha. Joaquim Heliodoro, ainda por cima muito atrapalhado pelo facto de o senhor ter percebido o comentário que dirigira a Manuela, não conseguia controlar os seus olhos, que vagueavam indelicadamente entre o rosto e o busto da mulher e os papéis que o marido lhe apresentava. Havia como que um zumbido entorpecedor no seu espírito: nunca vi uma mulher tão atraente, nunca, nunca, nunca, nunca.

Quando finalmente prestou a atenção devida ao nome do hóspede, pareceu-lhe familiar e, pedindo desculpa pela indiscrição, perguntou-lhe se era escritor, se escrevia livros. Não sou escritor, respondeu ele, sou um académico, publico livros académicos e espanta-me muito que já tenha ouvido falar destes livros, são sobre assuntos um tanto exóticos. Religiões da Índia, não é verdade?, inquiriu Joaquim Heliodoro.

O hóspede chamava-se László Batory, era professor da Universidade de Efeubewachsen, na Alemanha, conhecido em meios muito restritos pelas suas publicações acerca do cristianismo primitivo no Oriente. Não houve sossego enquanto Joaquim Heliodoro não foi à biblioteca do pai

e do padraço, guardada em armários de portas de vidro numa das salas do hotel, procurar o único livro de László Batory que aí existia, *S. Tomás Apóstolo, Lenda e História*. Era uma edição italiana da década de 1970, assinada pelo padraço em Veneza, à qual o autor húngaro apôs, ali mesmo na recepção, a sua própria assinatura, a data e o nome do hotel. László Batory e a sua mulher, de nome Margareta, acabaram por ficar no hotel uma semana inteira. Joaquim Heliodoro considerou tudo isto um bom prenúncio, o que se compreende, e apaixonou-se por Margareta com consequências que se verificará virem a ser fatais para a sua tranquilidade de espírito e que ameaçaram gravemente aquilo que mais se vangloriava de prezar, a sua honra.

Paulo Varela Gomes, nascido em 1952, foi professor dos ensinos secundário e superior até se reformar em 2012, autor de artigos e livros da sua área de especialidade (história da arquitectura e da arte), colaborador e cronista permanente de vários jornais e revistas, designadamente o *Público*. Nesta mesma colecção da Tinta-da-china, publicou *O Verão de 2012*. É casado, pai de dois filhos e avô de uma neta e de um neto.

hotel   
foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso pela  
Guide, Artes Gráficas, sobre  
papel Coral Book de 90 gra-  
mas, em Janeiro de 2014.

